



HOMENAGEM

Joaquin Ruiz Giménez

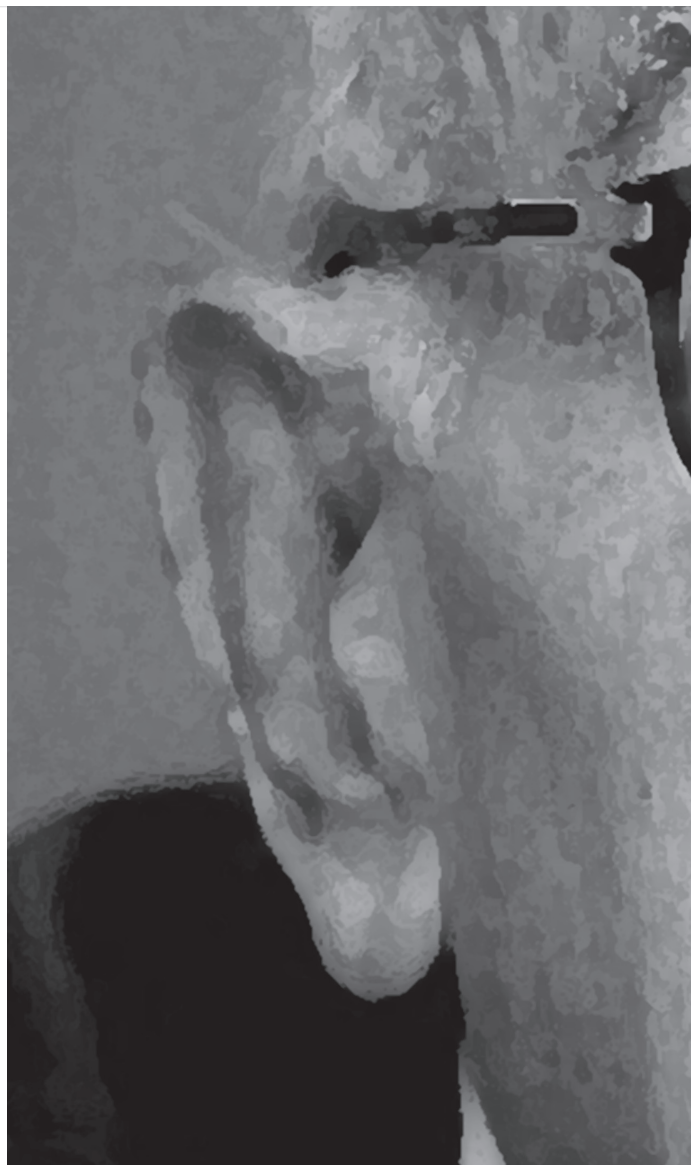
Um exemplo

Com o desaparecimento de Joaquin Ruiz Giménez (1913-2009) fecha-se um tempo da história das ideias políticas na Península.

Para os mais novos o nome já não diz muito, no entanto, foi o fundador no ano de 1963 dos “Cuadernos para el Dialogo”, a revista que, ao lado do nosso “O Tempo e o Modo” (criada no mesmo ano), foi um instrumento fundamental para obter novos apoios para a democracia. Ruiz-Giménez foi ainda o primeiro Defensor del Pueblo em Espanha, marcando com o seu exemplo de inteireza e hombridade essa instituição. Por estes dias, alguns dos textos que se publicaram sobre ele disseram (tal como aconteceu relativamente ao seu amigo António Alçada Baptista) que o projecto político de um cristianismo social avançado, dialogante, inconformista não vingou. É verdade. O velho professor chamou-lhe Esquerda Democrática, mas na galáxia do compromisso dos cristãos com a democracia não teve sucesso. No entanto, se lermos “El Camino Hacia la Democracia”, onde estão reunidos (numa edição do Centro de Estudios Constitucionales de Madrid, 1985) textos publicados nos “Cuadernos” de 1963 a 1976, depressa compreendemos que Don Joaquin, o professor de Filosofia do Direito, que acreditou sinceramente na transição pacífica, foi sobretudo um pedagogo da democracia, com razão antes do tempo, ao propor o método de uma Plataforma de Convergência. E é sempre necessário que haja alguém, arrostando com as incompreensões, disponível para abrir veredas. E assim foi com Ruiz-Giménez. Ao lado de Gil-Robles, de Dionísio Ridruejo e de Tieno Galván, tornou-se, desde o final dos anos cinquenta, uma presença assídua nos contactos ibéricos entre democratas. O Centro

40

O professor de voz pausada e serena, mas com uma forte determinação de vontade, foi especialmente importante na abertura democrática, possuindo a autoridade de ter participado nos trabalhos do Concílio Vaticano II



Nacional de Cultura foi um dos lugares dessas aproximações e o espírito dos “Cuadernos para el Dialogo” assemelhou-se à “aventura da Moraes”, na senda de José Bergamín e da revista “Cruz y Raya”, dos republicanos cristãos.

Num depoimento muito sentido, Elias Díaz salientou o seu cristianismo aberto, longe de uma lógica limitada e teocrática, a sua influência cultural, e nome do pluralismo e da democracia e, por fim, o seu labor científico e filosófico a favor das liberdades públicas, dos direitos fundamentais e da dignidade da pessoa humana. “Foi um homem de princípios, de convicções fortes, um cristão cada vez mais kantiano, que respeitava muito séria e sinceramente a consciência” (El País, 28.8.09). Gregório Peces-Barba preferiu falar de “um sonhador para o povo”.

O professor de voz pausada e serena, mas com uma forte de-





POR GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS
MEMBRO DO CONSELHO EDITORIAL DA NOVA CIDADANIA



41

terminação de vontade, foi especialmente importante na abertura democrática, possuindo a autoridade de ter participado nos trabalhos do Concílio Vaticano II, como perito no debate do Esquema XIII, que se tornaria a Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”. Justiça social e desenvolvimento tinham de estar a par. E foi a influência da personalidade de João XXIII que mudou o curso de vida do filósofo (falará de um certo encontro na estrada de Damasco). Fora Ministro da Educação durante o franquismo (1951-1956), depois de ter exercido funções de Embaixador junto da Santa Sé, num momento em que os contactos com Jacques Maritain, Embaixador de França, lhe abriram novas perspectivas no sentido da democracia. Ainda tentou acelerar (sem sucesso) a transição, em especial pela chamada à Universidade de personalidades que estavam afastadas por motivos

políticos. Sem sucesso. E o certo é que gostava de citar António Machado: “Para dialogar, / perguntai primeiro, / depois, escutai” ou “Busca o teu complemento, / que anda sempre contigo / e costuma ser o teu contrário”. Num tempo em que o diálogo parece cair, infelizmente, em desuso, Don Joaquín fez dele a sua bandeira. Por isso, os “Cuadernos” foram um lugar plural de encontro, onde se ia dizendo nas entrelinhas o que não podia dizer-se abertamente, onde se abriu lugar aos povos da periferia e às autonomias e onde se pôs na ordem do dia a necessidade de abertura política (expressa, por exemplo, no diálogo pioneiro entre cristãos e marxistas). Além de tudo o mais, foi sempre um amigo de Portugal, crendo sinceramente que o destino dos dois Estados estaria ligado intimamente, por muito diferentes que fossem as circunstâncias. Teve razão. ●

NOVA CIDADANIA | JANEIRO | MARÇO 2010

